

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Luiza Goulart Rodrigues

**AUTOCONHECIMENTO, O CAMINHO RACIONAL PARA A TRANSCENDÊNCIA: UM  
DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA E A TRADIÇÃO HINDU ADVAITA  
VEDANTA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Prof. Dr. Dilip Loundo.

Juiz de Fora  
2017

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **LUIZA GOULART RODRIGUES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473005A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AUTOCONHECIMENTO, O CAMINHO RACIONAL PARA A TRANSCENDÊNCIA: UM DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA E A TRADIÇÃO HINDU ADVAITA VEDANTA**, desenvolvido durante o período de DATA DO INÍCIO DO TCC a 28/11/2017 sob a orientação de DILIP LOUNDO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**LUIZA GOULART RODRIGUES**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# AUTOCONHECIMENTO, O CAMINHO RACIONAL PARA A TRANSCENDÊNCIA: UM DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA E A TRADIÇÃO HINDU ADVAITA VEDANTA<sup>1</sup>

Luiza Goulart Rodrigues<sup>2</sup>

## RESUMO

Através do ponto de vista comparativo entre filosofia socrático-platônica e tradição hindu Advaita Vedanta, foi possível analisar duas opções possíveis de caminhos racionais para a transcendência. Vivendo em um mundo de incertezas e transformações como o nosso, cabe a nós refletir sobre a importância do papel da filosofia como opção existencial. Bem como identificar tradições filosóficas que levam ao encontro do conhecimento do eu interior, uma vez que, apenas trilhando o caminho do autoconhecimento, pode-se chegar à libertação de todo sofrimento. Para o presente artigo, foi utilizado como método o estudo bibliográfico de obras as quais colocam em questão aspectos metafísicos essenciais em todos os tempos, inerente a todos os homens. Por fim, mediante ao estudo realizado e as sugestões pedagógicas apresentadas, foi possível encontrar relações entre filosofia socrático-platônica e a tradição hindu Advaita Vedanta que garantem uma solução ao sofrimento ainda nessa vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoconhecimento. Filosofia como modo de vida. Relação Oriente Ocidente. Filosofia grega. Filosofias da Índia. Zimmer. Hadot. Platão. Sankara

## 1. INTRODUÇÃO

Podemos dizer que a descoberta da essência do ser e do mundo é um mistério que intrigou e ainda intriga a muitos filósofos. A filosofia socrático-platônica e a escola hindu do *Advaita Vedanta* buscaram responder perguntas que afligem os homens em todas as épocas. São exemplos dessas perguntas: "quem sou?", "por que estou vivo?", "qual é o meu propósito?". Tanto para Platão, quanto para a tradição *Advaita* o desejo de libertação levou a resposta de muitas dessas perguntas, de modo que, ainda hoje, suas obras merecem destaque como potências renovadoras do espírito crítico e virtuoso da filosofia na humanidade. Ambas as tradições, haja vista suas diferentes formas de linguagem, queriam responder a mesma questão fundamental: "qual é o princípio de tudo?".

A essência última da natureza do universo é o campo da filosofia a que podemos atribuir à categoria da metafísica. Desta maneira, ela apresenta os aspectos imateriais ou abstratos do mundo como sendo sua principal dedicação investigativa. Por conseguinte, busca responder duas questões de ordem fundamental: o que existe e como é que existe. Diante do modelo de ensino acadêmico ocidental, inúmeras resistências foram postas no que se refere à admissibilidade de uma filosofia metafísica oriental. Embora muito possa ser falado sobre um Oriente místico e religioso, quando o assunto é racionalidade, suas obras parecem ainda carecer da credibilidade necessária para se enquadrarem nas disciplinas de filosofia.

Muitos eruditos, mesmo nos primeiros anos do nosso século, permaneceram relutantes em conferir o honroso título de "filosofia" ao pensamento hindu. Alegavam que "filosofia" era um termo grego denotando algo único e particularmente nobre que havia nascido entre os gregos e, desde então, desenvolvido apenas pela civilização ocidental (ZIMMER, 1886, p.32).

A partir do enfoque principal de dois filósofos, um grego e o outro hindu, o presente artigo tem a intenção de traduzir para a nossa realidade um caminho de diálogo entre conhecimentos orientais e ocidentais, de modo a atestar sua relevância mesmo nos dias atuais. Vale ressaltar que não houve maiores preocupações com detalhes sobre filósofos e suas obras, uma vez que o foco principal está no conteúdo transformador que apresentam.

<sup>1</sup> A transliteração das palavras em sânscrito citadas neste TCC segue o IAST (International Alphabet of Sanskrit Transliteration). Entretanto, para evitar problemas de compatibilidade de formatos, o IAST está sendo usado sem o uso dos sinais diacríticos.

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: luizaagoulart@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Dilip Loundo

A filosofia da Índia, assim como Platão, acredita no caráter limitado da linguagem, para ambas as palavras não são capazes de exprimir o tema principal do pensamento filosófico. Desta forma, os caminhos transformacionais propostos vêm a servir como uma “mistagogia apofática”<sup>3</sup>, visto que, o conhecimento no qual se propõem a revelar está para além do plano gramatical.

As possíveis experiências que a mente pode ter da realidade ultrapassam, em muito, a esfera do pensamento lógico. Para expressar e comunicar o pensamento adquirido em momentos de intuição que transcendem o plano gramatical, devem ser usadas metáforas, símiles e alegorias que não são meros adornos e acessórios dispensáveis, mas os próprios veículos de significação, impossível de ser alcançada através de formulas logicas do pensamento verbal comum (ZIMMER, 1986, p.30).

Para demonstrar o aspecto racional, porém, transcendente dos ensinamentos, foram utilizados os principais filósofos de suas respectivas tradições. Apesar de Sankara e Platão poderem ser apontados como opostos devido a suas classificações doutrinárias – um pretensamente monista e outro dualista –, apresentam muitos aspectos em comum que serão apresentados no decorrer do artigo. Pode-se dizer, a princípio, que ambas as tradições buscaram abarcar estruturas teleológicas (estudo dos fins), tendo em vista à soteriologia (estudo da salvação humana).

Jung, que foi um estudioso da tradição Indiana, dizia:

Entre todos os meus doentes na segunda metade da vida, isto é, tendo mais de trinta e cinco anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa. Todos, em última instância, estavam doentes por ter perdido aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos aos seus adeptos, e nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isso está claro, não depende absolutamente de adesão a um credo particular ou tornar-se membro de uma igreja. (Silveira, 1988: 141-42)

A partir da perspectiva de Jung, podemos dizer que tal afirmação é o que vemos de mais recorrente nos dias de hoje. Homens que aparentam já possuir tudo, não sabem mais o que buscar e se percebem incompletos. Trabalham para conquistar riquezas materiais como sendo o caminho para a libertação do sofrimento e, quando as alcançam, continuam sentindo o vazio causado pelo ego. Contudo, assim que esses homens se perceberem pertencentes à totalidade, não haverá mais inquietação ou sofrimento, pois saberão quem são e para o que vieram.

Para o desenvolvimento do presente artigo, foram utilizadas referências bibliográficas nas áreas do conhecimento de ciência da religião e de filosofia. A pesquisa baseou-se em analisar textos que fossem essências tanto para a cultura grega clássica quanto para a cultura hindu de forma geral. Buscou-se, também, levar em consideração, em sua escolha, a pertinência de seus conteúdos no cenário atual da humanidade.

O trabalho de conclusão de curso estrutura-se em três capítulos, apresentando-se no primeiro a história e definições acerca dos autores que serão vitais para a fundamentação do conteúdo, além de demonstrar a relação entre ambas as tradições através da noção de metempsicose ou transmigração da alma. No segundo capítulo, é abordada a questão do autoconhecimento para responder à pergunta fundamental à libertação do sofrimento, a saber, qual minha verdadeira identidade. E, por fim, no terceiro capítulo é caracteriza a ideia da vida filosófica, na qual demonstra o caráter prático da filosofia, também demonstrada em ambas as tradições.

## 2. “A luz do Fédon e a mesma que brilha no *Bhagavad Gita*”

De acordo com o que é apresentado pela obra Fédon do filósofo Platão (2000), o conhecimento a que estamos acostumados nada mais é do que o conhecimento de imagens criadas no mundo sensível, representações imperfeitas de algo que está contido no mundo das ideias. O filósofo grego afirma que só é possível conhecer a verdadeira essência das coisas por intermédio da alma. A partir dessa perspectiva, o corpo parece constituir um empecilho ao conhecimento da verdade, de modo a fazer pensar que só é possível alcançar a sabedoria plena após a morte.

---

<sup>3</sup> LOUNDO, Dilip. A Mistagogia Apofática dos Upanisads na Escola Não-Dualista Avaita Vedanta de Satchidanandendra Saraswati. Numen, v.14, n.2, p. 349-370, jul.-dez. 2011

Desta forma, parece-nos que nada mais há a fazer a não ser esperar pela morte, não é certo? Assim, poderíamos alcançar a libertação do corpo e vir a conhecer, de fato, a realidade. Errado, não é essa de fato a postura de Platão, se considerarmos o sentido profundo de suas palavras. Em sua obra o *Fédon*, o filósofo narra o último dia da vida do mestre Sócrates a partir de um diálogo literário, visto que vai além do mero discurso e não se resume a simples apontamentos abstratos. Pode-se dizer que, para Platão, o diálogo representa a razão intrínseca de seu filosofar, um caminho reflexivo corajoso e transformador. Pierre Hadot, grande estudioso da filosofia antiga, elucida a intensão do diálogo platônico como sendo essencial a transformação do ser, um exercício espiritual por excelência, uma vez que viver filosoficamente implica dedicar-se não somente a vida intelectual, mas também a vida espiritual (HADOT, 1999).

Conforme explicitado acima e diante do estilo textual utilizado por Platão, podemos caracterizar a morte apresentada no *Fédon* como um processo metafórico, sendo esse processo a principal ocupação de um filósofo. Buscar sabedoria para Platão, assim como para Sócrates, "consiste em preparar-se para morrer e em estar morto" (2000, p. 64), de modo a desfrutar o que é próprio da alma anteriormente ao se desligar do corpo. Desta forma, o filósofo é aquele que está buscando contemplar a sabedoria absoluta antes mesmo de morrer. Platão (2000, p. 64) afirma ainda que "o que ignora a maioria dos homens é de que modo estão se preparando para morrer aqueles que verdadeiramente são filósofos, de que modo eles merecem a morte e que espécie de morte merecem".

Platão é considerado também um defensor da doutrina da metempsicose ou transmigração da alma. Em sua obra *Mênon*, o autor deixa claro importantes sugestões com relação à metempsicose. Contudo é no *Fédon* que vai se desenvolver mais detalhadamente a hipótese platônica sobre o destino das almas. Conforme Platão (2000), a alma pode ser caracterizada como sendo invisível, imutável e eterna, de modo que, mesmo após a morte do corpo, ela continua a existir. Um dos argumentos utilizados pelo filósofo para defender tal hipótese refere-se à premissa dos opostos, na qual há a presença dos contrários em todos os níveis existenciais. Por exemplo: um homem se torna mais justo ao mesmo tempo em que se torna menos injusto. Esse princípio pode ser também aplicado à vida e à morte, sendo os vivos originários dos mortos e, conseqüentemente, os mortos dos vivos. A morte é o curso natural da vida, Sócrates deixa claro no diálogo que tornar-se vivo é tornar-se o oposto de morto.

Muito do que sabemos sobre Platão a respeito de seus diálogos e mitos pode nos remeter à famosa obra indiana *Bhagavad Gita*, um dos textos canônicos da escola Advaita Vedanta. Ao mesmo tempo em que o *Gita* apoia o ideal *upanisádico* de renúncia completa do mundo em favor da autorrealização e obtenção de libertação, propõe também a ideia de renúncia interna, em vez de externa, onde se encontra sua singularidade. Não é saindo desse plano para outro diferente que se chegará à salvação, é preciso haver uma mudança na forma de estar no mundo, refletindo no interior da própria ação. "Sua escolha é somente quanto à ação, jamais quanto ao resultado. Não queira ser a causa do resultado da ação, tampouco esteja sujeito a inação" (BHAGAVAD GITA, 2010, p. 54, 2.47)

Os princípios filosófico-existenciais de ambos estão tão estreitamente relacionados que poder-se-ia supor que ou o filósofo grego teria tido conhecimento do *Bhagavad Gita* ou vice-versa. Comprova-se essa afinidade de forma mais clara por meio do Mito de Er, narrado no livro X da *República* (2017). De acordo com a história contada por Sócrates, Er foi alguém que retornou do mundo dos mortos servindo de mensageiro aos homens. Através de sua experiência no Hades, Er pode relatar que as almas ainda não purificadas dos erros cometidos continuam a renascer até que se purifiquem por completo. No mito Platão deixa claro sua convicção no ciclo das transmigrações e demonstra a necessidade de uma vida virtuosa para a libertação eterna. "Crendo que a alma é imortal e capaz de suportar todos os males, assim como todos os bens, nos manteremos sempre na estrada ascendente e, de qualquer maneira, praticaremos a justiça e a sabedoria." (PLATÃO, p.466)

No *Bhagavad Gita* (2010), por outro lado, é possível entender noções fundamentais acerca da transmigração pelo diálogo entre Krsna, representante da Suprema Personalidade de Deus, e seu discípulo, Arjuna. Conforme relata o *Bhagavad Gita*, durante uma grande guerra que teria ocorrido no Norte da Índia, um guerreiro (Arjuna), em pleno campo de batalha, vive um impasse: lutar e matar pessoas que amava ou renunciar seu *dharm*a ("dever") de guerreiro. Sem se aprofundar muito na história, já podemos perceber que, dentro das representações do *Bhagavad Gita*, Arjuna simboliza a confusão da alma que transmigra, enquanto que o cenário relatado é ideal para a discussão acerca da transmigração em geral, visto que representa um risco eminente de morte. Conforme o leitor se aprofunda na história, é possível apreender sua mensagem enquanto compreensão da diferença entre o eu verdadeiro (alma) e o corpo. Nesse sentido, é possível se entender a lógica da transmigração vivida pela alma. O *Bhagavad Gita* serve ao propósito de nos ensinar que a verdadeira identidade

é espiritual e que temos a oportunidade na vida humana de desenvolver a consciência pura e perfeita de nós mesmos.

Através dos ensinamentos de Krsna à Arjuna podemos compreender o ciclo de nascimentos e mortes pelo qual a alma deve passar para se purificar de todo *karma* enquanto ação que emana dos interesses do ego. Krsna conclui dizendo para seu discípulo da inevitabilidade da morte e do renascimento, uma vez que para aqueles que nascem à morte é certa; e para aqueles que morrem o nascimento é certo. Da mesma forma, Sócrates deixa claro no *Fédon* que a morte é o curso natural da vida e vice-versa.

A tradição *Advaita Vedanta* apresenta como leitura obrigatória o *Bhagavad Gita*, uma vez que acredita no caminho de reflexão acerca da essência última do ser como obrigatório para aqueles que buscam a felicidade eterna. Sankara (788-820 d. C.), grande mestre da filosofia oriental e principal referência da tradição *Advaita* (não-dois), afirma em sua obra *A Joia Suprema da Sabedoria* que o estudo da filosofia não-dualista (*advaita*) leva o ser à transformação. Isto é, quando o indivíduo busca a sabedoria para se identificar com a essência do ser, ele se aproxima mais da libertação do sofrimento causado pela ignorância (2011). Sankara, como grande admirador do *Bhagavad Gita* e um dos seus comentadores mais importantes, acreditava que, embora o universo dos fenômenos seja de fato experimentado, ele não é a verdadeira realidade. Afirmava, também, que o conhecimento metafísico é essencial para se atingir a libertação (*moksa*), uma vez que, "Moksa é a metafísica posta em prática" (ZIMMER, 1986, p. 41).

Pode-se verificar que, embora os filósofos apresentados possam parecer, a princípio, distantes, podemos destacar vários pontos em comum. O primeiro é a forma com que apresentam seu discurso filosófico, utilizando-se da literatura para composição das obras. Ambos os filósofos apresentam diálogos repletos de simbolismos e possuem uma notável capacidade de falar sobre temas muito sutis, mas extremamente pertinentes. Platão no Ocidente e Sankara no Oriente se manifestam como caminhos de sabedoria trilhados por meio de uma vida devota, reflexiva e racional. Hadot (2014) cita a relação analógica que pode existir entre atitudes filosóficas ocidentais e orientais:

Como já disse, fui por muito tempo avesso à filosofia comparada, porque pensava que poderia criar confusões e aproximações arbitrárias. Mas me parece agora, ao ler os trabalhos de meus colegas G. Bugault, R.-P. Droit, M. Hulin, J.-L. Solère, que há realmente analogias perturbadoras entre as atitudes filosóficas da Antiguidade e as do Oriente, analogias que não podem ser explicadas por influências históricas, mas, em todo caso, permitem talvez melhor compreender tudo o que pode estar implicado nas atitudes filosóficas que se esclarecem, assim, umas às outras. (HADOT, 2004, p.390-391).

De maneira bastante análoga, as perspectivas acerca do caminho da alma se convertem, a ideia de transmigração perpassa ambas as tradições com intuito de corroborar com a lógica cósmica. Estas similaridades são tão surpreendentes que podemos nos utilizar em certos momentos de exemplos hindus para compreender os gregos, assim como de exemplos gregos para decifrar a Índia. Platão como resultado da cultura grega, nos proporciona uma justificativa mais racional, através de uma linguagem lógica e organizadora. Enquanto que o *Gita* nos transmite maior expressividade, própria da poesia, de forma mística e alegórica. Uma ou outra servem a nós como caminhos de nós mesmos e do mundo.

### 3. Autoconhecimento e vida filosófica

Podemos caracterizar o autoconhecimento como um processo transformador vivido pelo ser que se dedica a conhecer seu eu interior. A partir da obra platônica *Fédon* (2000), pode-se dizer que, para Sócrates, o ponto de partida da busca por conhecimento sobre si mesmo é a tomada de consciência da ignorância. Sócrates e sua maneira de filosofar foram revolucionários devido a sua grande dedicação em incentivar a busca reflexiva pelo conhecimento da alma, tendo-lhe sido atribuída a máxima: "Conhece-te a Ti mesmo e conhecerás todo o universo e os deuses, porque se o que procuras não achares primeiro dentro de ti mesmo, não acharás em lugar algum" - frase do Templo de Delfos. Para Sócrates, a alma é fonte de toda sabedoria, entretanto, quando está na condição transmigratória, os sentidos criam ilusões que impedem de ver com nitidez a realidade. A partir do momento que esses homens se voltam para alma, percebem que as ideias eternas outrora conhecidas ainda estão presentes, chegando, assim, ao fim de todo o sofrimento.

Podemos dizer que, para Sócrates, a virtude não poderia ser outra coisa senão o conhecimento, um indicativo da proximidade da alma com o Bem Supremo. Neste contexto, pode-se concluir que o homem se torna

virtuoso no momento em que ele se conhece a si mesmo e aos outros. Vale ressaltar, contudo, que todos os homens visam à felicidade em seus atos, de modo que seus erros e vícios são apenas consequências da ignorância sobre o verdadeiro eu. Assim como acreditava Sócrates o pior dos males que pode acometer aos homens é o de se considerarem sábios, uma vez que, pensando que já possuem a verdade em si, não mais buscariam conhecer, se esvaziando do espírito crítico filosófico. Sócrates, considerado o homem mais sábio da Grécia, recebeu tal título não por saber mais, mas sim, por saber que nada sabia. A passagem da obra *Apologia* de Platão ilustra a conclusão de Sócrates: “Pus-me a considerar, de mim para mim, que eu sou mais sábio do que esse homem, pois que, ao contrário, nenhum de nós sabe nada de belo e bom, mas aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não si nada, também estou certo de não saber. (PLATÃO, 2017, p.4).

Conforme foi explicitado, para Sócrates, a sabedoria não está relacionada à quantidade de conhecimento adquirido pelo homem, mas sim à sua modéstia intelectual. Devido à característica prática da sabedoria, pode-se concluir que, todas as virtudes apresentam-se como parte constituinte da sabedoria. “Segundo a filosofia indiana, a tarefa primordial do homem, e, em última instância, irrecusável, consiste em compreender este segredo, saber como age e transcender” (ZIMMER, 1986, p.31). Ao mesmo tempo em que o ser realiza ações que são próprias da alma, de maneira virtuosa, simultaneamente desenvolve um maior domínio do corpo e da temperança, fazendo com que se aproxime, dessa forma, da ciência do bem.

Voltando a Hadot, conforme sua obra *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*, a filosofia é formada por um conjunto de exercícios que não podem ficar limitados ao ensino da teoria. O filósofo deve ir muito além da pura interpretação de texto, ele deve “exercitar-se a viver, quer dizer, consciente e livremente” (HADOT, 2002, p.33). O filósofo antigo para Hadot é caracterizado tanto pelo discurso que aplicava, quanto pelo modo de vida que levava. Quando buscamos entender a filosofia antiga grega de forma comparada, podemos perceber mais claramente seu caráter espiritual. Assim como Zimmer (1986) apresenta “a filosofia oriental é acompanhada e auxiliada pela prática de uma forma de vida” (p.49), o sábio não deve ser apenas uma biblioteca filosófica, ele deve conter o conhecimento em sua alma, manifestando-se numa habilidade.

Podemos, então, afirmar que através dos “exercícios espirituais”<sup>4</sup> o filósofo aprende a viver, a morrer e a dialogar. A filosofia deve ultrapassar os limites do indivíduo e fazer com que ele se reconheça parte de algo transcendente. Pierre Hadot considera que um determinado estilo de vida está relacionado com os filósofos da antiguidade. Eles apresentam uma maneira de comportar-se no mundo. Somente após a escolha de uma opção existencial é possível originar o discurso filosófico. A real função da filosofia é despertar o desejo por conhecimento, começando de dentro para fora. Porém, encarar a máxima socrática, “só sei que nada sei” como verdade é, apenas, o momento inicial da vida filosófica.

Sócrates é um exemplo ideal para a definição de Hadot de filósofo antigo, e por isso foi um marco na história da filosofia, mesmo sem escrever uma só palavra. Sócrates adotou um método filosófico que não se caracteriza pela transmissão de um saber positivo, e sim por levar o indivíduo à aporia, ou seja, à impossibilidade de conjecturar um saber, desse modo, fazia com que seus interlocutores chegassem as próprias respostas racionalmente. O conteúdo do tema da discussão socrática tem importância secundária, uma vez que, o diálogo serve a levar o indivíduo a se questionar permanentemente, questionando assim suas próprias conclusões. Sócrates desenvolveu seu método de ensino baseado nos que julgam já saber, de modo a fazer com que enxergassem a própria ignorância. O filósofo acreditava que o caminho do autoconhecimento era solitário, já que, para tal, é necessária a reflexão de forma profunda sobre do ser. Sócrates se dizia apenas responsável por despertar a consciência do equivoco sobre a realidade, de forma crítica e racional.

"No fim das contas, após ter dialogado com Sócrates, seu interlocutor... toma distância em relação a si mesmo, desdobra-se, uma parte de si mesmo identificando-se, de agora em diante, com Sócrates no acordo mútuo que este exige de seu interlocutor em cada etapa da discussão. Opera-se nele uma tomada de consciência de si; ele se põe a si mesmo em questão" (HADOT, 1999, p. 55-56).

Para manter-se no exercício do diálogo, o discípulo deve possuir um forte “desejo de libertação”, como disse Zimmer (1986), ele deve possuir “uma aspiração firme e sincera de livrar-se da escravidão de sua existência como indivíduo preso ao vórtice da ignorância” para que continue, assim, suportando as dores do parto. Uma vez que Sócrates se considerava um parteiro, mas, ao contrário da sua mãe que partejava bebês, ele fazia nascer o conhecimento que já está dentro de cada um. Os ensinamentos de Sócrates ficaram conhecidos por *maieutica*, traduzida como parteira em grego.

<sup>4</sup> HADOT, P. *Exercices Spirituels et philosophie antique*. Paris: Albin Michel, 2002

#### 4. “Saia da caverna, retire o véu e então você chegará aonde sempre esteve”

A maior parte das tradições compreendidas no hinduísmo, apesar de bastante heterogêneas entre si, acreditam na existência de uma alma eterna, o *atman*. De acordo com o livro *Uma Introdução ao Hinduísmo* de Gavin Flood (2014) o *atman* não pode ser, em sua última instância, distinguido de *Brahman* – princípio de unidade que articula a totalidade do real. A tradição *Advaita Vedanta* defende essa premissa, uma vez que considera o mundo como não é dualista, ou seja, tudo que existe pertence a uma mesma unidade transcendente. Segundo os *Upanisads*, aqueles que tomam consciência do *atman* como *Brahman* e o âmago de si próprio atingem a libertação (*moksha*).

“A tradição indiana dos Upanisads destaca-se claramente como uma dessas tradições onde ‘filósofo transformacional’ e ‘místico racionalista’ são duas designações distintas para denotar o mesmo empreendimento soteriológico. Para que se considere seriamente a possibilidade de uma mística fundamentada, de modo vital, em meios racionais, é necessário mudar o foco central das narrativas místicas: ao invés de experiências descritivas, a ênfase deverá recair nas pedagogias dialógicas” (LOUNDO, 2011, p.3).

Os Upanisads possuem a capacidade de eliminar a ignorância fundamental que recobre a identidade de *atman*. Como apresenta Flood (2014), aqueles que tomam consciência do *atman* como *Brahman* e o âmago de si próprio atingem a libertação (*moksha*). Entretanto, para o ser chegar à libertação e transcender ao ciclo de mortes e nascimentos (*samsara*) é preciso se desprender de toda a ação fruto do desejo (*karma*), ou seja, deixar de atender as vontades do ego. O discípulo deve buscar unicamente ao cumprimento de seu *dharma*. É preciso uma pausa para explicar o significado de *dharma*, cujo sentido último está além das palavras, o que torna difícil traduzir todo seu requinte de sua significação. Apenas aqueles que vivenciam a Índia podem entender, uma vez que seu significado não está nas palavras, mas na experiência. “Não é teoria religiosa nem filosófica. Uma vida bem examinada e investigada, onde exista autoconhecimento (como disse Sócrates), é uma vida que encontra a Verdade, que encontra seu caminho, que encontra o *Dharma*. Se o universo fosse um rio, o fluxo desse rio seria o *Dharma*”<sup>5</sup>

Retomando o raciocínio partir do que foi apresentado, pode-se dizer que, apenas quando o ser leva uma vida de retidão, devoção e justiça, voltada para a natureza da alma, de acordo com seu *dharma*, é que ele pode a vir a libertar-se de todo o sofrimento existencial. De acordo com Flood (2014), quando todos esses princípios são postos em prática, o indivíduo tem, em fim, extingue todo o *karma* e transcende a condição das transmigrações.

De forma análoga a uma colheita, quem planta o bem, colhe o bem; quem planta o mal, colhe o mal. No pensamento Advaita, assim como na filosofia platônica, a transmigração é uma premissa incontestável, além de otimista, uma vez que ter mais uma chance para alcançar a libertação parece ser algo justo. Consequentemente, o *karma* deve ser caracterizado como necessário à evolução e não algo ruim.

Sankara se apresenta como uma fonte eminente da sabedoria oriental. Parte de sua grande popularidade decorre da maneira racional com que trata temas centrais a religião. No entanto, fica evidente em sua obra *A Joia Suprema da Sabedoria*, seu lado profundamente devocional, voltado ao discernimento e ao autocontrole.

“Na Índia, a filosofia e a religião diferem em alguns pontos, mas nunca houve um ataque total e dissolvente por parte dos representantes do criticismo puro contra o baluarte imemorial do sentimento religioso popular. Na verdade, ambas as instituições têm se reforçado reciprocamente, de modo que em cada uma delas podemos encontrar características que na Europa atribuiríamos apenas a à sua oposta” (ZIMMER, 1986, p.35).

Na Índia, não há esforço para definir o que pertence à religião e o que pertence à filosofia, o mais importante é a eficácia transformadora do texto. Ele deve servir ao processo de remoção das falsas verdades, uma vez que não há nada novo a ser descoberto. “A noção de unicidade radical (*advaita*) torna impossível uma

---

<sup>5</sup> PEREIRA, Luiz Fernando. O que é Dharma? 2009. Disponível em: <<http://dharmalog.com/dharma>>. Acesso em: 26 nov. 2017.



revelação positiva por meio de palavras” (LOUNDO, 2011, p.3). Um exemplo são os Upanisads “chamados de *pramaṇa* (‘meio de conhecimento’) não porque revelam a natureza de *atman*, mas porque eliminam as concepções errôneas naturais sobre sua natureza”, assim como um remédio é usado quando há alguma doença, ele serve para tratar e remover a causa do sofrimento.

Da forma similar Piere Hadot (2002) destaca o exercício filosófico praticado por Sócrates. O filósofo grego não pretendia ensinar nada, buscava apenas fazer com que os outros desenvolvessem seus próprios meios de aprender. Esse tipo de aprendizado confere sentido para a teoria defendida por Pierre Hadot, de que, “no diálogo ‘socrático’, a verdadeira questão que está em jogo não é do que se fala, mas aquele que fala” (HADOT, 2002, p. 39).

“Não há discurso que mereça ser chamado de filosófico, se está separado da vida filosófica; esta também não existirá se não estiver estreitamente ligada ao discurso filosófico. É aí que, aliás, reside o perigo inerente à vida filosófica: a ambiguidade do discurso filosófico” (HADOT, 2008d, p. 268).

Sankara diz em sua obra *A Joia Suprema da Sabedoria* (2011) que a ignorância sobre a nossa verdadeira identidade não passa de uma ilusão criada pelos sentidos (*maya*). O véu de *maya* é a forma representativa do poder de *Brahman* de criar ilusões, como forma de ocultar a sua verdadeira realidade daqueles que ainda não estão libertos dos desejos. “A ignorância da verdadeira realidade nasce da limitação imposta pelos “véus” do sentido” (SANKARA, 2011, p.39). Desta forma, o objetivo do discípulo é remover a todas as falsas percepções que possui e passar a enxergar a verdade de *Brahman*.

O meio necessário que o estudante deve empregar para transcender a ilusão é, antes de tudo, a “discriminação entre as coisas permanentes e as transitórias” (*nitya-anitya-vastu-viveka*). Está escrito: “Somente *Brahman* é a substancia permanente, tudo o mais é transitório”. (ZIMMER, 1986, p.51)

A *força de maya* impede que possamos enxergar a nossa verdadeira realidade, assim como a caverna de Platão escondia de seus prisioneiros o mundo real. Podemos perceber, deste modo, mais uma relação entre Oriente e Ocidente. A Alegoria da Caverna, formulada por Platão, assim como a ideia de *maya* descrita por Sankara, inferem sobre uma realidade aparente, isto é, uma ilusão produzida pela ignorância. No livro *A República*, Platão (2017) descreve a alegoria da seguinte forma: dentro de uma caverna existiam prisioneiros acorrentados, podendo enxergar apenas uma parede, na qual, se refletiam representações do que estava para além das paredes da caverna. Para aqueles homens que ali cresceram, as sombras eram o mundo real, porém, um dia, um dos prisioneiros, com muito esforço, conseguiu se libertar das amarras e sair da caverna. A princípio, o prisioneiro teve a vista ofuscada com o sol nunca antes contemplado, mas logo se adaptou à luz, de forma a enxergar toda a beleza da verdadeira realidade. Embora o novo mundo descoberto fosse maravilhoso, o prisioneiro liberto resolveu voltar à caverna a fim de ajudar seus antigos companheiros. Conforme contou sua experiência de liberdade, ele foi visto como louco e assassinado pelos próprios homens que tentou ajudar, que viram nele uma ameaça e um perigoso à ordem estabelecida.

A alegoria apresentada é, provavelmente, o ensinamento de Platão mais conhecido. Da mesma forma que Sankara concebe a condição existencial através da noção de *Maya*, o filósofo grego nos apresenta o mundo dentro da caverna. Ambas as representações apresentam-se como narrativas alegóricas, que servem ao propósito de transmitir a mesma verdade transformadora. Percebe-se a presença da falsa ideia da realidade nos seres humanos, assim como nos prisioneiros da caverna. Mas, não somente através da Alegoria Platão faz referencia a ilusão em que vivemos no mundo fenomênico. No Fédon podemos encontrar a seguinte passagem: “recei ficar irremediavelmente cego de espírito, caso persistisse em fixar os olhos nas coisas, em tentar tocá-lhes diretamente com meus cinco sentidos. Pensei então que o melhor que tinha a fazer era refugiar-me do lado das ideias (logoi) e, através delas, inquirir da verdade dos seres” (Fédon, p. 99).

Para entender a música, é preciso ouvi-la. Enquanto continuarmos pensando que estamos ouvindo a música, não poderemos realmente a ouvi-la. Vivemos em um mundo onde há muita informação, enquanto que a sabedoria responsável pela transformação está perdendo o valor. Confundimos, ainda, um com o outro e acreditamos que ter mais acesso à informação produz mais conhecimento, e conseqüentemente, sabedoria. Cada vez mais estamos confusos com a nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Precisamos nos voltar para nós mesmos e perceber que o que buscamos já está presente, para enxergar é só retirar o véu.

## CONCLUSÃO

De um modo geral, ambas as tradições estudadas apresentam preocupações com a maneira de viver enquanto ser humano e no pós-morte. Buscam, principalmente, dar uma solução para o vazio existencial inerente ao ser humano. Tanto Sankara quanto Platão asseguram a importância da percepção de pertencimento ao Uno, e o entendimento de que para tudo há um significado, que nada no universo é por acaso, já que o cosmos possui uma lei, um *Dharman*. A partir dessa compreensão, podemos suportar melhor as dores do aprendizado, uma vez que elas são importantes à evolução da alma. Necessárias para encerrar de vez todo o sofrimento, remover o véu de *maya* e enxergar, enfim, toda a beleza da eternidade, de Brahman, do todo, do bem supremo, de Deus...

Gostaria de sugerir, através deste artigo, que é possível seguir um caminho racional, sem negar o mundo e de forma coerente com preceitos espirituais. O caminho transformacional de uma vida filosófica é trilhado por pessoas comuns em seu dia-dia. O filósofo não é um sábio já pronto, pelo contrário, ele busca o saber e tem plena consciência que ainda há um longo caminho de dedicação. O verdadeiro filósofo não se conforma com o campo das teorias intelectuais, à medida que obtém conhecimento, logo se transforma.

A questão sobre o conhecimento ser, na verdade, um autoconhecimento não foi certamente esgotada em todas as suas dimensões argumentativas. Há um vasto conteúdo a ser demonstrado. Entretanto, como podemos perceber através dos textos e autores apresentados ao longo deste artigo, temos a clareza de que o que está em causa é a necessidade existencial de se descobrir o que cada um de nós é essencialmente. Uma vez que eu já sou aquilo que desejo ser, a intenção é apenas remover a poeira da ignorância que nos impede de enxergar com limpidez a realidade. É intrigante como tradições de países e tempos tão distantes do nosso conseguem nos impactar nos dias de hoje. Com efeito, o Bhagavad Gita serve-nos de veículo para o conhecimento sobre quem somos nós, essencialmente. É preciso que o indivíduo moderno, que se distraiu com os prazeres e se distanciou do cosmos, aprenda novamente a se identificar com a perspectiva da totalidade, com sua própria natureza. A sabedoria precisa voltar a ser a norma transcendente que dirige nossa ação. O ser humano é o único ser vivo que reflete. Dessa maneira, a filosofia é um ato que nos distingue dos animais. No momento em que nos perguntamos sobre a causa dos fenômenos da realidade e sobre a existência em si e seus significados, nesse mesmo momento, tornamo-nos pensadores reflexivos e não apenas conscientes.

Então, ao invés de meramente perguntar para si mesmo como conquistar riquezas, qual carreira a seguir, ou, ainda, como encontrar o parceiro ideal, façam-se igualmente e fundamentalmente as perguntas corretas para se encontrar a felicidade plena, a saber, "quem sou eu?", "de onde eu vim?" e "para onde vou?". Essas grandes questões existenciais que demandam investigações profundas são muitas das vezes deixadas de lado e negligenciadas por estarmos tão absorvidos pela correria da rotina que pouco tempo deixa para se refletir e se sentir os níveis profundos da existência. Como consequência, ficamos acomodados à perspectiva do dia-dia e não notamos a necessidade de se fazer essas perguntas mais fundamentais. Em síntese, devemos conduzir nossas vidas de acordo com o ritmo do cosmos, por meio do autoconhecimento, já que cada um de nós é um pequeno cosmos.

## REFERÊNCIAS

- BHAGAVADGITA. Gloria Arieira. Rio de Janeiro: Vidya Mandir. 2010.
- FLOOD, Gavin. Uma introdução ao hinduísmo. Juiz de Fora: UFJF, 2014.
- HADOT, P. Exercices Spirituels et philosophie antique. Paris: Albin Michel, 2002
- HADOT, Pierre. Philosophy as a way of life. London: Blackwells, 1995.
- HADOT. Pierre. O que é a filosofia antiga? São Paulo: Loyola, 1999.
- LOUNDO, Dilip. A hermenêutica transformativa da Bhagavad-Gita. In: SILVESTRE, Ricardo Sousa (org).
- LOUNDO, Dilip. A Mistagogia Apofática dos Upanisads na Escola Não-Dualista Avaita Vedanta de Satchidanandendra Saraswati. Numen, v.14, n.2, p. 349-370, jul.-dez. 2011.
- PLATÃO. A República. Disponível em: <[http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao\\_A\\_Republica.pdf](http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- PLATÃO. Apologia de Sócrates. Tradução de Maria Lacerda. Disponível em: <http://www.geocities.com/Athens/Column/8413/apologia.html> Acesso em: 10 nov. 2017.
- PLATÃO. Fédon. Tradução de M. T. Schiappa de Azevedo. Brasília: Editora da UNB, 2000.
- SANKARA. Viveka Chudamani: A Jóia Suprema da Sabedoria. Tradução de Murillo N. de Azevedo. Brasília: Teosófica, 2011.

SILVEIRA, Nise da. Jung, vida e obra. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.  
ZIMMER, Heinrich. Filosofias da Índia. São Paulo: Palas Athena, 2000.